



MORTE E VIDA NA POLÍTICA FILOSOFIA E PSICANÁLISE

Org.: Jassanan Amoroso D. Pastore

Editora: Blucher, 2023, 288 p.

Resenhado por: Sueli Gandolfi Dallari,¹ São Paulo

sdallari@uol.com.br

Sem saída

Sim, não temos saída, a psicanálise não pode ignorar a política. Eis aí uma razão de peso para louvarmos a iniciativa do trabalho apresentado em *Morte e vida na política: filosofia e psicanálise*. Trata-se de uma coletânea de artigos inserida no que o tempo trouxe de melhor para o movimento psicanalítico: a apropriação do último Freud no exame de sua obra fundamental para a construção da psicanálise. Com efeito, a partir do impacto da Grande Guerra – que realizou o conceito de guerra geral, envolvendo militares e civis, prédios e culturas –, tem início a inclusão sistemática da política na obra freudiana.

Era de lamentar que durante várias décadas as instituições psicanalíticas tivessem ignorado o novo alcance de compreensão do homem e da sociedade dela resultante. E deve-se reconhecer que ainda é tímido o reconhecimento de tal implicação. Uma razão de peso para louvarmos a iniciativa do trabalho apresentado em *Morte e vida na política: filosofia e psicanálise*.

Os motivos para estudarmos atentamente os resultados do trabalho organizado por Jassanan Amoroso D. Pastore vão além do brilhantismo e competência dos autores, que – provocados para discutir a interface da psicanálise com outras linguagens das ditas ciências humanas – revisitaram especialmente Michel Foucault, Giorgio Agamben, Friedrich Nietzsche, Hannah Arendt, sempre buscando o diálogo com Freud, por mais de um decênio. Assim, foi possível apresentar a implicação do corpo e o papel dos impulsos agressivos com base em conceitos centrais da obra de Nietzsche e chegar à discussão do estatuto e da função do ressentimento e da repressão dos impulsos no desenvolvimento de fenômenos culturais, convidando Freud para juntar-se ao exame das origens da consciência moral.

1 Membro efetivo/professor da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Foi o que fez Oswaldo Giacóia Júnior em “Corpo, cultura e violência e na consciência moral, o desejo e a Lei: o tipo psicológico de Paulo de Tarso segundo Nietzsche e Freud”. Luís Carlos Menezes partiu de “A construção do ideal do Eu: caminhos e descaminhos”, enfrentando, portanto, novamente “os motivos morais” e as “realizações éticas”, e chegou a “A morte da política no poder totalitário: H. Arendt e S. Freud”. Jassanan Amoroso D. Pastore, recuperando cuidadosamente Freud, desde seus primeiros trabalhos até suas obras ditas “políticas”, começa enfrentando diretamente a questão “Política tem a ver com psicanálise?” E prossegue refletindo sobre uma experiência de intervenção psicanalítica seguindo a experiência freudiana de refletir sobre a função da cultura e da sociedade na constituição da subjetividade em “Vida nua e pulsão de morte”. Waldo Hoffmann começa pela contemporaneidade para, como um peripatético – tal como a obra em cena –, nos conduzir desde o biologismo aos ambientes que forjam linguagens cujos limites interessam a todos os psicanalistas – que devem estar à altura de seu tempo – em “Peripatéticos contemporâneos”.

Para nos mostrar “O lugar do fantasma na filosofia: Agamben leitor de Freud”, Camila Salles Gonçalves recupera com seus guias a concepção de acédia, o demônio mediterrâneo, e Luto e Melancolia, enfatizando o componente erótico da melancolia e levando-nos a constatar que nem nós nem os melancólicos sabemos que objeto ele perdeu, e entendendo o fantasma “na sua confluência com um objeto inseparável do sujeito, e ao mesmo tempo indefinível, no lugar sem lugar da palavra filosófica”. Marilsa Taffarel sugere caminhos para responder a “Como criar novas estruturas de mundo?”, trazendo também Fabio Herrmann para o diálogo com Agamben, num mundo da farsa, com opiniões defendidas com poucos argumentos, visando a superação de relações fixas, o que, abrindo-se para o vazio, permite ao inédito brotar. Foi possível também que Alan Victor Meyer nos chamasse mais diretamente a atenção para o poético e criativo da psicanálise examinando cuidadosamente Heidegger e Lacan para compreender o termo “*Gelassenheit*” em “Let it be – *Gelassenheit*”.

Em suma, por tratar com tanta profundidade da política, da filosofia e da psicanálise, *Morte e vida na política: filosofia e psicanálise* é leitura indispensável hoje. E me parece pertinente enfatizar tal conclusão com Hannah Arendt. Com efeito a filósofa à altura de seu tempo, em artigo do último período de sua produção (Arendt, 2021, pp. 35-75), analisa a influência de Marx no pensamento ocidental, quando pela primeira vez um pensador havia inspirado uma grande nação. Ela entendeu que Marx enraizou sua formulação

no pensamento aristotélico, sendo assim um pensador tradicional, no sentido em que ele não foi seu contemporâneo. Reconhece-lhe, entretanto, o enorme mérito da glorificação do trabalho e de sua reinterpretação da classe trabalhadora, que a filosofia desde o começo desprezara.

No que nos interessa mais diretamente, Hannah Arendt discute a liberdade na política a partir da emancipação da classe trabalhadora, que tornou possível a igualdade entre todos: um fato político de primeira ordem. De fato, no sentido originário da palavra grega, a política só teve início com a libertação das exigências do trabalho, libertação que é, portanto, uma condição pré-política da existência política. Ela retoma Aristóteles para lembrar que para ele a liberdade é inerente à faculdade do discurso, pois, contanto que os homens falem uns com os outros e ajam em conjunto no *modus* do discurso, eles são livres. Com o rompimento com a polis, que levou os filósofos a conceber o homem não político (ignorando o fato da vida junto de seus iguais), a liberdade tornou-se então um problema. Para Hannah Arendt, Marx estava absolutamente certo quando afirmava que o futuro pertencia ao homem como um animal que trabalha. Para ela, apenas foi enganosa a esperança de Marx de que esse domínio absoluto da necessidade se resolvesse em um igual domínio absoluto da liberdade.

Podemos encerrar a resenha dessa obra essencial fazendo nosso o alerta lançado por Hannah Arendt na conclusão do artigo sobre Marx, lembrando que ele não desafia a filosofia, mas sim a suposta impraticabilidade da filosofia; desafia os filósofos a mudarem o mundo tornando-o “filosófico”. Já Hannah Arendt desafia os filósofos a reconhecerem que a política era a única atividade intrinsecamente filosófica. Tal implicação fundamental para o exercício teórico e prático da psicanálise é o objeto primeiro da obra magistralmente organizada por Jassanan Amoroso D. Pastore, reunindo a citada plêiade de ilustres autores em *Morte e vida na política: filosofia e psicanálise*.

Referência

Arendt, H. (2021). “Karl Marx e a tradição do pensamento político ocidental”. In H. Arendt, *Pensar sem corrimão: compreender 1953-1975*. Bazar do Tempo.